



**X CNEF**  
X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E CULTURA CORPORAL

Tema: Inclusão, Inovação e Esporte

UFPE

Data: 17 a 20 de março 2020

## OS EFEITOS DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

**Felipe Herculano de Oliveira Silva<sup>1</sup>; Larissa Karolyna Santos da Silva<sup>2</sup>**

**Orientadora: Angélica de Cássia Gomes Marcelino<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física - FADIMAB; <sup>2</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física - FADIMAB;

<sup>3</sup>Docente/pesquisadora do Depto de Educação Física – FADIMAB.  
angelicamarcel@gmail.com

### RESUMO:

Neste referente artigo temos por objetivo a promoção de assuntos relevantes a respeito da educação inclusiva, em especial para os portadores do transtorno do espectro autista (TEA) com especificidade no ensino infantil, buscando compreensão a respeito dos direitos dos principais envolvidos nesta inclusão e assegurando-lhes assim uma educação de qualidade como forma de desenvolvimento pessoal de cada um. Referente a pesquisa, justificamos de forma consecutiva e objetiva aspectos específicos em relação às características desse transtorno, com esclarecimento desde o significado e surgimento desse assunto no âmbito escolar e seus definitivos direitos na sociedade, com destaque nos autores que começam a enfatizar essa batalha, até a importância das aulas de educação física e suas respectivas contribuições para os alunos com TEA, sendo trabalhado também, os aspectos familiares e a participação dos mesmos como forma de contribuição para o desenvolvimento geral dos alunos autistas. Através de intervenções e informações familiares com pesquisas desenvolvidas em plataformas digitais com citações de autores relevantes sobre essa temática. Por fim, evidenciamos as relevantes contribuições acerca das aulas de educação física com destaque na forma metodológica do professor de lidar com os alunos com TEA, com enfoque no papel do professor na educação inclusiva.

**Palavras-chave:** Autismo, educação inclusiva, educação física.

### Introdução:

A importância da inclusão do aluno autista no âmbito educacional escolar a partir de suas dificuldades e variadas situações vem se tornando algo consideravelmente rigoroso desde a aprovação da lei de nº12.764/2012, onde esta “instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista” que por sua vez, e na

ideia inicial de inclusão dos portadores desta deficiência, faz-se de total prioridade a garantia da educação desde o ensino primário até mesmo a ensinos técnicos e superiores.

Segundo o documento da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), lei 9394/1996, no Art. 2º, a educação, é dever da família e do Estado, conduzida através dos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por objetivo o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Acerca da educação especial, ainda mencionada no Art. 4º, apresenta-se como função do estado promover a educação escolar pública mediante garantia de: III atendimento educacional especializado gratuito aos educandos portadores de necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino.

Levando em consideração o desafio que é a forma de educar o aluno autista por diversos meios que não permitem o acesso dos mesmos, faz-se necessário toda uma metodologia inclusiva na aula de educação física em questão, onde além de formar suas crianças de forma igualitária, devemos estabelecer a ideia da socialização entre ambos os alunos, sejam eles deficientes ou não, acerca de conhecimentos acadêmicos escolares e além disso a formação ou desenvoltura dos autistas no sentido físico, psíquico, motor entre outros.

Os PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais), foram desenvolvidos visando a criação de princípios que possibilitem transformações significativas no sistema educacional brasileiro, afirma o Ministro da Educação e do Desporto. A partir desta visão, é atenuada uma necessidade constante em realizar adaptações curriculares que atuem diante das peculiaridades dos alunos com deficiência. Isto não implica na configuração de um novo currículo, mas um currículo abrangente, dinâmico, passível de modificações para maiores ampliações, para que realmente consiga abranger todos os educandos. Para isto, é necessário que haja uma planificação pedagógica além das ações docentes que serão fundamentais para o desenvolvimento das atividades planejadas e incorporadas neste currículo.

Com métodos estratégicos para a boa aquisição de resultados positivos com os alunos autistas, deve-se estabelecer atividades lúdicas, com ênfase no trabalho e estímulo do raciocínio lógico, com intuito em distinguir cores, formatos geométricos e desenvolver nos mesmos o seu aspecto corporal no sentido de equilíbrio até seu próprio desenvolvimento motor, estimula-los a desenvolver a coletividade com seus parceiros de turma, visando a sociabilidade além dos muros da escola, ou seja, a nível de sociedade como um todo, e a partir daí observar os benefícios obtidos através da relação entre a

educação física e a inclusão escolar de crianças autistas no processo de ensino e aprendizagem.

As aulas de educação física como perspectiva terapêutica referentes aos alunos autistas, têm apresentado muitos benefícios, entre eles os aspectos de desenvolvimento gradativamente e consideravelmente nítido no quesito deste distúrbio. Com consistência em interversões e pesquisas com dados possíveis e reais que estabelecesse e comprovasse de fato a relevante contribuição das aulas de educação física no aluno autista não só no âmbito escolar, mais sim de modo geral considerando seus aspectos físicos, social e a desenvoltura pessoal/individual. A partir daí, objetivamos através de uma metodologia voltada para revisões bibliográficas e métodos qualitativos, mostrar os efeitos da inclusão do aluno autista na educação física escolar, onde também ressaltamos a importância da relação entre a família/escola, como forma de parceria aos resultados positivos supostamente encontrados.

### **Metodologia:**

Para elaboração deste trabalho optamos por uma pesquisa do tipo qualitativa que é responsável por coletar e selecionar informações através da leitura de documentos como livros, artigos (sejam eles online ou impressos), documentação audiovisual (como vídeo e áudio das vivências de pessoas que tem contato com portadores do autismo), documentação gráfica, etc. desta forma além de ser uma pesquisa de nível qualitativa desenvolvemos assim uma pesquisa documental com embasamento em documentos disponibilizados online pelas plataformas digitais.

Além das informações adquiridas através destes meios acessíveis, foi possível informações de pessoas que tem vínculo diário com os portadores de autismo que reside na cidade de Campina Grande (PB), e através disso, a comprovação dos benefícios das atividades realizadas nas aulas de educação física em questão a nível de um desenvolvimento gradativamente relevante para este tema defendido. Nossa pesquisa foi organizada de maneira crescente, ou seja, selecionamos os documentos coletados com o máximo de informações, revisamos todos os documentos, em seguida organizarmos de forma que pudesse seguir a sequência, análises de dados no desenvolvimento do trabalho até chegarmos nas conclusões finais com resultados obtidos através de cada fase consecutiva da nossa pesquisa.

## **1. O que é o transtorno do espectro autista?**

Das várias citações de autores em destaque que se pressupõem em discutir sobre o autismo, divergem-se em algumas das características, porém correspondem-se em concordarem que o termo autista já não é mais utilizado na literatura moderna, e o autismo passa a ser estabelecido como um transtorno invasivo do desenvolvimento ou Transtorno do Espectro Autista (DSM IV, 1996), cientificamente conhecido como TEA, tem em igualdade a problematização na comunicação, no comportamento e na socialização, sendo possível assim, o diagnóstico em crianças a partir dos 2 e 3 anos de idade.

Embora o conceito na definição seja algo não tão concentrado, vale a ressaltar de que algumas de suas características sejam especificamente idênticas umas às outras, independente de seus respectivos níveis de conhecimento para uma visão completa do quadro artístico, como afirma Orsati (2018), como por exemplo, dificuldade na fala, em expressar ideias e\ou sentimentos, ausência de pouco contato visual, mal estar em meio aos outros, pouca ou nenhuma atenção compartilhada, brincar estranho e sem envolver os outros, além de padrões repetitivos e movimentos estereotipados, como ficar muito tempo parado, sentado, fixo balançando o corpo para frente e para trás.

O autismo em 1943, definido por Leo Kanner tornou-se um dos assuntos comportamentais mais estudados, disputados e debatidos, que por sua vez teve a honra de divergir o comportamento de um autista de um esquizofrênico, onde até os dias atuais, sua descrição clínica é utilizada da mesma forma, denominada como distúrbios autísticos do contato afetivo- síndrome Única. Em contrapartida, no mesmo ano de 1943 Asperger propôs um estudo com definições parecidas as de Kenner, onde sugere uma abordagem autística, em 1983, as síndromes de Asperger foram por fim reconhecidas e deixou de ser coexistente como autismo, onde em 1987 a associação americana de psiquiatria criou o termo distúrbio abrangente do desenvolvimento, onde a partir do conhecimento adquirido e exposto, o autismo deixa de ser uma psicose infantil.

## **2. O processo de inclusão dos estudantes com transtorno do espectro autista**

Os professores que têm em sua sala de aula alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) precisam conhecer outros métodos pedagógicos e psicológicos para dar suporte a qualquer eventualidade que a criança possa precisar dentro do seu aspecto escolar e cotidiano. Para isso, o professor não pode se sentir sozinho. A parceria com a família e escola é de suma importância para o sucesso e aprendizagem qualitativa da

criança com TEA. Nesse sentido, entende-se por inclusão, a participação de todos os indivíduos em um processo de interação, linguagem e participação social. Apesar de um termo polissêmico (que contém muitos significados), seu uso tem sido bem relacionado à questão escolar e a inclusão dos mesmos nesse âmbito, e é nesse sentido que utilizamos aqui.

A inclusão é relativamente recente, ouvindo-se falar pela primeira vez – no Brasil - nos meados dos anos 90. Mas, por seu sentido amplo pode ser facilmente confundida com a integração. Mas, enquanto a Integração defende com prioridade o direito das pessoas com deficiência, buscando a inserção parcial e condicional dessas pessoas, na inclusão se pressupõe o direito de todos, sem nenhuma condição ou restrição. Desse modo, a inclusão da pessoa com TEA precisa ser compreendida na mesma direção. A inclusão do estudante com TEA pressupõe um processo que socializa, interage e desenvolve todas as habilidades do indivíduo, respeitando suas particularidades. Assim, esse processo de inserir as crianças com TEA dentro das salas regulares de ensino traz uma quebra de paradigma para as escolas conservadoras e tradicionais.

Sabendo que a inclusão é um direito conquistado e é dever de todos na sociedade aceitar e respeitar as diferenças, tendo em vista que a inclusão é muito mais que o inserir, é mais do que o simples fato de matricular na escola, é preparar o aluno para viver em sociedade. Onde por meios de uma pesquisa qualitativa desenvolvida por nós, e com base de contato geral na questão inclusiva do aluno autista, desenvolvemos da seguinte forma o nosso projeto, onde dividimos na primeira fase de abordagem onde procuramos saber qual a melhor forma de adaptar o processo de inclusão do aluno autista na escola regular da rede pública e suas contribuições no ensino fundamental I, onde a partir de todas essas informações consecutivamente adquiridas, passarmos para a segunda fase desta abordagem onde se baseia consequentemente na visão, necessidade e a importância do aluno, tendo como princípio as dificuldades encontradas entre a relação família x escola como fator necessário para a inclusão, que por meios avaliativos e comprovados a intervenção das famílias nos casos de portadores de autismo referente as crianças em questão do fundamental I, onde facilitam a acessibilidade e desenvolvimento dos autistas em questão de socialização até mesmo no quesito da aprendizagem escolar, dando ênfase no objetivo geral da pesquisa, que derivam-se basicamente no desenvolvimento geral das crianças.

### **3. A educação física como experiência terapêutica para o desenvolvimento das crianças com tea**

Nesta abordagem trataremos de forma explícita as contribuições das aulas de educação física como forma ocupacional e terapêutica para os portadores de TEA, desde seus benefícios até o meio inclusivo que deve ser implantado pela escola através do aliado motivador nessa caminhada, o professor.

As contribuições que as aulas de educação física oferece para as crianças com o transtorno do espectro autista são evidentes e facilmente possíveis de identificar e de suma total importância, contribuições essas que podem ser atribuídas as interações onde eles se relacionam de forma material e concreta, questões do aspecto motor, onde um aluno que inicia o trabalho no meio escolar com relevâncias nas aulas de educação física inicialmente com uma coordenação motora péssima, onde logo em seguida, depois de algumas tentativas de estímulos motores ao ponto de serem trabalhados, percebe a relevância das suas melhorias, com percepção no estímulo motor, no estilo cognitivo, e consequentemente no estilo social, onde não se limita apenas nos aspectos de melhorias físicas, pois a melhora qualitativa nos aspectos sociais surge de maneira gradativamente positivas, melhorias na comunicação, onde eles passam a participar mais das aulas, e interagir de forma igualitária entre ambos, e dentro dos aspectos diagnósticos particular de cada portador do autismo, as aulas de educação física podem trazer melhorias nos aspectos da fala.

Considerando os relatos dos professores e acompanhantes dos alunos, nota-se a positiva contribuição e importância da educação física de forma que as ajudem no seu desenvolvimento como a motricidade, a tomada de consciência, da imagem do corpo, entre a noção de espaço capacidade de adaptar-se em determinadas situações. Vale a ressalva que nesta inclusão dos alunos autistas, a possível e indispensável contribuição do professor no aspecto de inclusão faz-se de total importância neste contexto, desta forma, é papel do professor se enquadrar nesta metodologia adaptada com o propósito nítido de inclusão dentro das variáveis situações do cotidiano autista, oportunizando assim, a participação de todos nas atividades realizadas, com embases no respeito a diferença.

**Conclusão:**

Constata-se a importante e essencial participação da família no processo educativo da criança portadora do autismo, contudo vale destacar que mediante a toda caminhada de construção a nível do desenvolvimento pessoal de cada portador, é importante que a família tenha um olhar para o autista como indivíduo e não como mais um criança com um tipo determinado de “doença” ou síndrome, e assim, perceber que esses portadores de autismo tem potencialidades e capacidade de serem seres humanos melhores onde sua limitação não os definem acerca da sociedade, vale lembrar que existem limites dentro de cada uma dessas crianças, mais nada que os delimitam a serem seres humanos independentes seja no âmbito educacional ou social.

O desenvolvimento individualizado de cada um ressalta a necessidade e importância do profissional de educação física no processo de construção escolar, já que constata-se as consideráveis contribuições a nível de desenvolvimento tanto no aspecto físico como psíquico e principalmente social, sendo possível desta forma evitar o isolamento do aluno autista, uma característica comum entre os portadores de TEA.

Vale ressaltar que como todo aluno é normal que durante o período de aprendizagem eles tenham êxitos e fracassos e para que a desmotivação ou desinteresse não venham, é importante essa parceria entre família, aluno e escola, para isso é importante também que os pais estejam amparados e cientes dos seus direitos atribuídos dentro desta perspectiva escolar, onde possam lhe oferecer apoio e conscientização em respeito ao autismo, sendo assim uma possível junção de valores agregados através de toda uma equipe com objetivo de formar o indivíduo portador do autismo para a sociedade.

## **Referências**

AGUIAR, J. S.; DUARTE, É. **Educação Inclusiva: um estudo na área da educação física**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240.

AIELLO, A L.R. **Família inclusiva**. In: PALHARES, M.S e MARINS, S.C.F. Educação Inclusiva. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais. Um desafio ao aconselhamento**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1993 (415 p.).

GLAT, R. e DUQUE, M. A. **Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2003.

GLAT, R. & NOGUEIRA, M. L. de L. **Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil.** In: Revista Integração. vol. 24, ano 14; Brasília: MEC/SEESP, p.22-27.2002.

KANNER, L. **Autistic disturbances of affective contact.** *Nervous Child.* v. 2, n. 3, p. 217- 250, 1942-1943.

ORSATI, Fernanda. **Autismo e Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: Avaliação neuropsicológica.** Universidade Presbiteriana Mackenzie: Recife. 2018.